



CRUZEIRO DO SUL

CONSÓRCIO ENERGÉTICO CRUZEIRO DO SUL

MONITORAMENTO DOS PESCADORES

UHE MAUÁ

2011



UNIVERSIDADE
CRUZEIRO DO SUL

INDICE

Introdução

Metodologia

1- Análise do perfil socioeconômico

2- Histórias de vida

Considerações finais

Referencias bibliográfica

Anexo 1 Questionário

Anexo 2 conteúdo integral da fala dos entrevistados.

TIPO DE DOCUMENTO:

RELATÓRIO MONITORAMENTO PESCADORES

TÍTULO:

RELATÓRIO DE MONITORAMENTO PESCADORES

COORDENADOR:

Sandra Ramalho de Paula



AUTOR:

Sandra Ramalho de Paula.

Setembro, 2011 referente ao ano de 2011.



Introdução

O presente trabalho tem como objetivo apresentar o trabalho de monitoramento das condições socioeconômicas e modos de vida dos 25 pescadores vivos, beneficiários do Termo de Acordo para Indenização a pescadores – UHE Mauá.

O monitoramento proposto pelo Ministério Público Federal procura estabelecer um marco de referencia para que se possam conhecer as reais condições de vida dos pescadores beneficiários do Termo de Acordo para Indenização - UHE Mauá. O trabalho tem grande importância, pois ao longo de cinco anos acompanhará a vida dos pescadores, para que seja possível perceber e conhecer a dinâmica de vida dos mesmos após a implantação e operação da UHE- Mauá identificando possíveis transformações nas condições socioeconômicas e em seu modo de vida.

Assim será possível identificar, discutir e analisar as possíveis transformações decorrentes do processo de instalação do empreendimento – UHE. Ao monitorar as condições de vida dos pescadores será possível identificar impactos negativos para o modo de vida dos pescadores e propor ações de compensação ao grupo. Para que tal monitoramento obtenha o resultado de eficiência no acompanhamento das novas condições e vida dos pescadores se faz necessário uma interface com outros programas envolvendo o universo da pesca, ou seja, o programa de ictofauna e a câmara técnica dos pescadores.



Metodologia

O monitoramento será feito sob o aspecto socioeconômico e sobre as condições de vida em seus modos de fazer e de viver dos pescadores objetos deste trabalho. Sendo assim, o trabalho procura estabelecer o diálogo necessário para a compreensão do modo de vida do pescador.

Caso a renda e seu modo de vida sejam alterados em consequência da construção da UHE Mauá, sendo essa realidade comprovada, através de levantamento socioeconômico e entrevista sobre suas condições de vida.

O trabalho de monitoramento visa acompanhar a evolução das condições socioeconômicas e seus modos de vida dos pescadores contemplados no TERMO DE ACORDO PARA INDENIZAÇÃO A PESCADORES - UHE MAUÁ, bem como auxiliar o pescador que, comprovadamente teve sua renda obtida a partir da atividade de pesca afetada, bem como seu modo de vida alterado pelo empreendimento UHE Mauá, a se readaptar ao novo contexto social e econômico em que estará inserido.

O processo de monitoramento/acompanhamento dos pescadores contemplados no Termo de Acordo será feito através de Avaliação periódica das restrições à realização de atividades de pesca, realizadas em cronograma definido e em situações extemporâneas, se necessário. Neste sentido, caberá ao CECS realizar monitoramento/acompanhamento em relação às atividades de pesca e o modo de vida dos pescadores apresentando relatórios anuais, iniciando o primeiro até o ato da indenização, para que se possam estabelecer parâmetros de avaliação do processo de transformação, se houver, no período de 12 meses, sendo sempre entre os meses de julho e agosto de cada ano, com a apresentação de análise de resultados parciais ao final de cada etapa.

A conclusão do monitoramento será apresentada ao final de 5 anos, após do início da operação do empreendimento.

Será aplicado questionário com perguntas fechadas e abertas, bem como um grupo de trabalho com todos os pescadores alvos desse acordo para estabelecer o perfil socioeconômico do público alvo e a partir do roteiro abaixo fazer a atividade de grupo. A partir da aplicação dos questionários e da atividade de grupo realizada com os pescadores será elaborado laudo técnico e encaminhado as partes envolvidas. Para que se estabeleça juntamente com o Consórcio Cruzeiro do Sul e demais envolvidos as medidas compensatórias mais adequadas ao grupo no momento em que tal monitoramento for realizado.

- Identificar, discutir e analisar questões acerca das transformações decorrentes da implantação da Hidrelétrica Mauá, junto ao grupo de pescadores alvo desse trabalho, no que tange à reorganização territorial, econômica, social, histórica e cultural.
- Avaliar os impactos do empreendimento no processo de reorganização do espaço social e da história de vida – os costumes, saberes e fazeres, o cotidiano dos atores/sujeitos objetos desse trabalho
- Os objetos que constituem o roteiro são: Saberes e modos de fazer enraizados no cotidiano do grupo de pescadores, suas celebrações, suas linguagens e suas práticas cotidianas relacionadas à pesca.



1 - Análise do perfil socioeconômico.

Dos 25 pescadores objetos desse trabalho apenas 3 são mulheres, 23 moram na área urbana de Telêmaco Borba e 2 moram na área rural de Imbu. Apenas 4 pescadores tem menos de 50 anos e 6 tem mais de 70 anos. Todos pescam na região do rio Tibagi. Quando perguntado sobre o tempo de pesca, alguns pescadores responderam tendo como referência o período após adquirir a carteira de pescador e alguns se referiram ao período em que pescam durante a vida. Quanto ao tipo de pesca todos informaram pescar com rede, tarrafa e espinhel.

A escolaridade de 24 dos pescadores não passa dos primeiros anos do ensino fundamental, sendo que apenas 1 pescador tem o ensino médio. O número de residentes em cada domicílio visitado tem em média 4 moradores sendo que apenas 1 tem 6 moradores e 4 pescadores moram sozinhos. Sendo que a maioria não tem crianças no domicílio.

Quanto à renda a maioria dos pescadores são aposentados ou recebem o benefício previdenciário por idade. Sendo que apenas 2 informaram receber aposentadoria como produtor rural. No momento da pesquisa a outra renda informada foi o benefício estabelecido como ajuda de custo da Copel (Consórcio Cruzeiro do Sul). No valor de 1 salário mínimo, Assim a renda declarada no momento da pesquisa foi de 2 salários mínimos, alguns entrevistados informaram a renda que obtinha com a pesca (segundo os pescadores antes do início da obra da UHE- Mauá). Apenas alguns dos entrevistados informaram a renda familiar.

A maioria dos pescadores participam da associação dos pescadores, e 1 deles do sindicato de produtores rural. Sobre as condições da residência apenas 3 pescadores não tem casa própria. Sendo que as residências são na maioria de alvenaria ou mista. Todos os terrenos são altos e tem a rua com anti-pó, tendo em média 300 metros quadrados, apenas 3 residências não possui banheiro



dentro da casa, sendo a maioria com 3 a 4 cômodos. E todas as residências têm fogão, geladeira, televisão; algumas tem freezer e apenas 1 tem computador (ganhado em um sorteio).

Não são todos os pescadores que tem barco (apenas 2 alegaram estar com barco no momento da pesquisa), mas 22 deles tem carro e 1 tem carro e moto. Todos têm energia elétrica e gastam em média 100Kw, 23 tem água da rede geral (sanepar), a grande maioria joga o esgoto na rua ou no rio. Quanto às condições socioambientais a maioria respondeu que não tem problemas. Segundo os entrevistados a prefeitura coleta o lixo. Sobre as condições de saúde dos pescadores objeto desse trabalho, vale destacar que a maioria tem mais de 60 anos de idade, assim as condições de saúde apresentam problemas ou relacionados a idade e ou as condições de trabalho. Muitos têm problemas nas articulações e outros têm diabetes e problemas de colesterol ou pressão alta.

Como meio de locomoção a maioria se locomove de carro ou a pé, sendo que todos os moradores da área urbana informaram ter nas proximidades de suas residências, postos de saúde, escolas, associação de moradores e outros serviços públicos. Os problemas sociais enfrentados pelos entrevistados foram de segurança e de atendimento a saúde. Sobre atividades de lazer todos informaram que pescam ou visitam parentes, porém muitos disseram não ter atividade de lazer. Sobre o número de dias que pescam as informações está relacionada ao período anterior a construção da UHE alguns disseram passar a semana no rio e outros disseram que ficavam no rio e vinham para a casa trazer os peixes para vender. Todos informaram que pescavam para vender e que vendiam para as pessoas do bairro ou nos mercadinhos próximos a suas casas e consumiam o que sobrava. Em relação à quantidade pescada alguns informaram que a pesca era de 60 a 100 kg em média por período pescado apenas 1 informou mais de 100 kg. Sendo que alguns disseram que era difícil de mensurar pois depende de época e volume de chuvas, assim as variáveis são muitas o que pode ter períodos de grande quantidade e outros de poucas quantidades. Todos disseram



obter com a pesca até o valor de 2 salários mínimos, antes da construção da UHE. Apenas 2 pescadores apresentaram comprovantes de renda referentes a venda do peixe. Vale observar que os pescadores também fazem outras atividades para complementar a renda e alguns informaram ter outra profissão antes de se tornar pescador.

Quando perguntado se recebem benefício do governo muitos informaram que sim, mas se referiam a ajuda de custo referente ao acordo com o Consorcio Cruzeiro do Sul. Não são todos os pescadores que recebem o benefício referente ao período (do defeso). Quando perguntado sobre o que fariam com o dinheiro da indenização as respostas variam bastante, porém muitos vão cuidar de problemas de saúde, outros vão comprar uma casa e outros utensílios para a pesca, pois acreditam que vão voltar a pescar o mais breve possível. Quanto à área comum todos esperam fazer uso, mais ainda não sabem como farão.

Perfil socioeconômico

Nome	I.P	Mauá	Idade	Escol	Solteiro	Catol	boa.sa	R.Rural	Renda	N. M.D
Valdinei de Oliveira	09	Mauá	33	13	Solteiro	Catol	boa.sa	R.Rural	1.sal	08
Sebastião De Oliveira	14	Mauá	67	2	Casado	Catol	Outros	R.Rural	1.sal	02
Para Oberek	50	Tib.	57	2	Casado	Catol	Card	Pesca	1.sal	04
Eliane Rodrigues	39	Tib.	30	6	Viúva	Catol	Outros	Pesca	2.sal	04
Wolene A. Oberek	35	Tib.	30	2	Casado	Catol	Card	Pesca	2.sal	04
Osires S. Martins	45	Tib.	73	2	Casado	Catol	Diabete	Pesca	2.sal	02
Divino Joaquim	15	Tib.	70	2	Casado	Catol	Diabete	Pesca	2.sal	02
Isais Job de Oliveira	40	Mauá	49	2	Compan	Catol	Diabete	Pesca	1.sal	02
José Loir Schneider	40	Tib.	54	2	Casado	Catol	boa.sa	S.A	SR	01
Claudino G.Teixeira	70	Tib.	76	0	Separado	Catol	Card	Apos	1.sal	01
Edinir Santos Bueno	40	Tib.	55	1	Casado	Catol	boa.sa	Pesca	1.sal	02
Florisvaldo Moreira	14	Tib.	59	2	Separad	Evang	boa.sa	Pesca	1.sal	04
Luis Carlos Ferreira	11	Tib.	51	6	Compan	Catol	boa.sa	Doente	1.sal	06
Lourival A. de Lima	17	Tib.	68	3	Casado	Catol	boa.sa	Apos	1.sal	03
Leoni C. Bueno	11	Tib.	53	5	Casado	n.sabe	boa.sa	Pesca	4.sal	02
Emilio Schneider	07	Tib.	49	6	Separado	n.sabe	boa.sa	Pesca	4.sal	03
Jurandir Schneider	12	Tib.	50	6	Casado	Catol	boa.sa	S.A	1.sal	04
Ari de Camargo	20	Tib.	65	4	Casado	Catol	Outros	S.A	SR	03
Ari L. Schneider	65	Tib.	73	7	Separado	Evang	Diabete	S.A	1.sal	01
João de A Ferreira	70	Tib.	77	1	Casado	Catol	Outros	Apos	1.sal	02
Paulino Alves	17	Tib.	77	3	Casado	Catol	boa.sa	Apos	1.sal	02
Manoel Rodrigues	60	Tib.	69	3	Casado	Catol	Outros	Apos	1.sal	05
Rosangela Campo	15	Tib.	53	7	Compan	Evang	Outros	Pesca	2.sal	02
Wilson Gonçalves	55	Tib.	62	3	Compan	Evang	Diabete	Pesca	2.sal	02
Edson L. Cardoso	09	Tib.	49	5	Casado	Evang	Outros	Pesca	1.sal	04



Itens do Quadro: Tempo de Pesca, Local de Pesca, Idade Pescador, Escolaridade, Estado Civil, Religião, Condições de saúde, Atividade Principal e Secundária. Renda e numero de moradores no domicilio.* Escolaridade o numero 2 corresponde ao segundo ano do ensino fundamental.

*Sem Renda

*Renda em salário mínimo

*(S.A) Sem Atividade

Em análise do perfil socioeconômico é possível observar que a maioria dos pescadores tem mais de 50 anos e baixa escolaridade, e com alguns problemas de saúde, tais como diabetes e problemas cardíacos, 15 dos entrevistados são casados. Sobre atividade profissional todos informaram ter a pesca como atividade principal, porém alguns desenvolveram outras atividades profissionais antes de dedicar-se a pesca exclusivamente. Alguns entrevistados são aposentados em outras atividades ou como produtor rural. Quanto a renda todos afirmaram receber em torno de 2 salários mínimos de renda com a pesca, porém informaram não ter essa renda no momento da entrevista, tendo como renda a ajuda de custo fornecida pelo Consórcio Cruzeiro do Sul (Copel para os entrevistados). Sobre o número de residentes no domicilio apenas 2 entrevistados tem mais de 5 moradores no domicilio os demais ou moram apenas o casal ou moram sozinhos.

Em uma análise simples das condições socioeconômicas dos entrevistados objeto do monitoramento, é possível observar que todos vivem de maneira simples e tem na pesca e em outras atividades a remuneração necessária a sua subsistência. Será possível ter uma visão mais clara sobre as condições de vida de cada um dos entrevistados em suas narrativas sobre suas histórias de vida.

A pesquisa aponta um universo social com baixa escolaridade, sem formação profissional, com idade acima de 50 anos. Apontando as condições de renda como precárias e vinculada são benefícios sociais governamentais. Concentrado em pequenos trabalhos e na pesca renda complementar para a subsistência. O quadro socioeconômico apresentado pelo universo pesquisado



está vinculado ao universo social em que está inserido, ou seja, a população que vive entre universo urbano e o rio.

2 - Histórias de Vida

Trata-se aqui dos procedimentos referentes à própria história oral. Esta modalidade historiográfica passou a desenvolver-se especialmente a partir dos anos 70, quando da incorporação de segmentos sociais excluídos. De acordo com Mauad (2005), seu foco destaca a experiência individual, as redes de relações construídas a partir das situações vividas pelos diferentes atores sociais. Os testemunhos vivos trazem a tona aspectos da vida política, social e cultural “filtrados” pelo vivido, em suas linhas de significados e sentido.

Ao focarmos a memória dos integrantes de uma determinada comunidade procuramos recuperar aqui a trajetória de grupos sociais excluídos, que de alguma forma ficaram à margem, ou “silenciados” pela história oficial.

No entanto, o recurso à história oral e à memória estará apoiado no princípio da busca da veracidade e objetividade dos depoimentos produzidos. Recorreremos a entrevistas consistentes, de modo a não correremos o risco de produzir um depoimento distorcido.

Quando nos propomos a ouvir ou contar histórias, o mais bonito desse processo é a rede de solidariedade que é tecida, pois para realizar esse trabalho contamos com a ajuda dos entrevistados. Essa troca de percepções e sensações é um re-inventar histórias, um re-inventar vidas. Quando ouvimos somos tocados pelo outro que conta, e quem conta também é tocado porque, de certo modo toca o outro com suas palavras. E assim se tece a rede da vida de quem nos conta a história.



Um lugar pode ter vários significados para as pessoas que passam por ele, assim como as águas de um rio. Um rio pode ser sentido e vivenciado em diferentes valores por diferentes pessoas que utilizam suas águas e sua vida por anos, por dias, por uma vida. Isso faz do rio um lugar de vida um lugar de movimento

Para cada um de nós o rio tem um significado, mas sem dúvida para os pescadores objetos desse trabalho o rio significa mais do que renda, significa “vida”, a vida deles se confunde com a do rio e muitas vezes eles contam coisas que sabem ser do rio como se fossem suas próprias histórias. Dessa maneira seu fazer que se confunde com seu viver. É na fala dos pescadores que podemos perceber como a vida, a pesca e o rio se confundem. O lazer e o trabalho no rio têm o mesmo propósito de dar prazer e produzir renda.

É a mortalidade de peixe, atribui a morte dos peixes a Klabin. Depois da construção da usina afugentou os peixes. Sempre teve a pesca antigamente dava muito, por ultimo (nos últimos meses antes da usina) tirava até dois salários por mês, além da pesca também garimpa. A renda varia bastante a aposentadoria foi por dês anos de trabalho na Klabin e contribuição como autônomo. Não trabalha mais, e pesca só como lazer quando tem peixe. Meu divertimento é beira do rio, “não vou nem na casa dos filhos. Nos cinco anos até voltar os peixes acho que vai complicar um pouco, acho que até a abertura da pesca no lago vai alterar a nossa vida porque vão ter que ir para outros lugares pra pesca. **(MANOEL ROGRIGUES)**

O trabalho sempre foi a pesca e o garimpo, não tem renda fora da pesca. Tenho diamante, serve como poupança, ainda esta pensando se vai vender. A influência da usina me retirou do local onde tirava o sustento, morava e mantinha a família. “Conheço vários lugares de pesca depende da época e da lua, concordo com o defeso (período sem pesca). A vida piorou, pois não estou pescando, antes da usina tinha boa renda para o final do ano e esse ano não vai ter. **(WILSON GONÇALVES)**

Para conhecer um pouco da história desses homens e mulheres é preciso ouvir o que não é dito, mas o que é vivido, quando eles nos mostram onde pescam podemos ver um pouco da beleza que o rio oferece aqueles que sabem olhar e pescar não só os peixes, mas também as histórias que o rio nos conta.



O que nos conta cada pescador entrevistado é um pouco de suas experiências com o rio, bem como as suas expectativas sobre o que será pescar em um lago. Nesse trabalho a memória se confunde com a aflição sobre um futuro ainda incerto. Como nos disseram os entrevistados não acreditar “que o rio vai subir”, mas esperamos poder pescar logo. Mas os pescadores acham que vão ter de aprender a pescar de novo, pois pescar em um rio com corredeiras fortes é diferente de pescar em um lago.

Em análise das representações dos pescadores sobre suas práticas na pesca, e suas histórias de vida é possível perceber algumas similaridades. Bem como as aflições que são comuns a todos os envolvidos nesse momento de expectativas sobre o futuro.

As falas aqui selecionadas mostram os pescadores de maneira organizada e buscam mostrar como o rio lhes dá o sustento e o prazer de viver. Mostrando um valor mais simbólico do que econômico. A pesca é artesanal e não confere ao pescador uma vida estável, porém o sentido de realização que cada um apresenta em sua fala mostra como o rio tem o sentido da vida e da saúde dos pescadores. A pesca com espinhel, tarrafa e rede demonstram a forma simples como o pescador pratica a pesca.

“A influência da usina está relacionada à atividade da pesca”, pois o Sr. Luis não pode pescar aproximadamente dois anos. O Sr. Luis trabalhou como mecânico industrial soldador aproximadamente dez anos Klabim no período de 78 a 82, após esse período trabalhou em diversas empresas e os últimos 11 anos trabalhou com a pesca. **(LUIS CARLOS IUK FERREIRA)**

O Sr. Lourival trabalhou antes da atividade da pesca no corte de madeira. O lazer do Sr. Lourival e da companheira é a pescaria. A usina trouxe trabalho para muita gente. O Sr. Lourival acredita que depois que encher de água as coisas vão ficar melhor para os pescadores. **(LOURIVAL ADRIANO DE LIMA)**

“Não concorda com a barragem porque acabou a atividade de pesca e também não sabe se ficara bom para os pescadores, não sabe o que vai acontecer no futuro”. **(LEONI CASTORINO BUENO)**



A usina acabou com os peixes do rio, mas acredita que foi por uma boa causa (o progresso) o Sr. Emilio informou que terá que aprender a pescar outros peixes, pois o consorcio colocara outros peixes na barragem. **(EMILIO SCHNEIDER)**

“Só tenho coisa boa na beira do rio, Trabalhava com meu pai, brincava e trabalhava hoje da tristeza de ver tudo abandonado. Quando morava na ilha era pai e a mãe e cinco filhos. Não gostava de ficar na cidade sempre trabalhava no rio (de manhã vias trais e a tarde também) a noite ia tarrafejar, hoje é mais lazer. Nunca trabalhei com outra coisa. A usina atrapalhou porque nos pescávamos e hoje não pesca. Já mudou a vida porque veio a usina. A morte do pai e do marido ao mesmo tempo, hoje pesca com o irmão por lazer só pra comer, quando tiver peixe pretende voltar a pescar. **(ELIANE RODRIGUES MENDES)**

A relação com a pesca vem desde pequeno “a gente nasceu, cresceu praticamente dentro do rio” e completa “foi a escola que a gente teve”. É pescador profissional há 12 anos e começou a vender o peixe, virou trabalho. **(JOSÉ LOIR SCHNEIDER)**

Pescaria “antigamente era deferente” não era pra vender, porque “todo mundo pescava, ninguém vendia”. O pescador profissional o “peixe era pra vender”, o peixe “dava muito mais que meu salário”. A pescaria “é mesma coisa que jogar na sorte”. Eu “parava o mês inteirinho no rio, quando não tinha ninguém eu parava só, sozinho”. Por 9 anos alugou um terreno no rio, na Ilha dos Cavalos, ficava mês inteiro e o filho ia pegar os peixes para vender na cidade. Chegou a arrendar um pedaço de terra para plantar, mas não tinha contrato. **(CLAUDINO GONÇALVES TEIXEIRA)**

Com a vinda da Usina praticamente tudo mudou bastante porque “na beira do rio não dá mais pra ficar. Me pagaram um “rancho” lá fora da ilha era na beira do rio e tive que sair”. Vai mudar porque eu “era dinheiro livre” que a gente pegava. Os peixes como curimba, dourado, muitos peixes vão sumir. Depois as pessoas gostam “tá sofrendo e tá lidando” com a pesca. **(IZAIAS JOB DE OLIVEIRA)**

É nessas falas que encontramos o sentido da vida no rio, mais como um modo de vida do que um meio de se obter renda. Para os pescadores do rio Tibagi objetos desse trabalho, pescar alimenta o corpo e a alma. O saber narrado pelos pescadores advindo da experiência de conviver com o rio. Em tempos e



espaços, em suas mais variadas tonalidades de cores das águas, em cenários que se transformam com as cheias e com as secas do rio. A história de vida desses homens e mulheres que com os amores e desamores da vida vivem no rio e vivem do rio e do fazer da vida.



Considerações Finais

Procuraremos centrar nosso trabalho nas representações – que tem papel de destaque nas relações entre história e memória, na qual os depoimentos trazem a expressão das formas culturais e dos processos, pelos quais os indivíduos expressam o sentido a si mesmo e ao seu lugar na história. Consideramos com Bourdieu (1982) que toda ação de sentido é expressão de determinado *habitus* – dimensão de prática e de representação das práticas sociais. Portanto, articular história e memória tem a particularidade de apresentar os atores e suas próprias representações.

Assim, realização desse trabalho tem o propósito de estabelecer o marco zero de análise das condições de vida dos pescadores objeto do acordo. Nas visitas realizadas nos domicílios foi possível observar as condições de vida de cada um dos pescadores. Foi possível observar nas narrativas dos pescadores que as condições de renda está vinculada a ajuda de custo recebida em acordo com o Consórcio Cruzeiro do Sul. Já as condições de moradia são bastante precárias. As residências têm aspecto simples, os utensílios domésticos são os de primeira necessidade. A atividade pesca é o meio de sobrevivência e de lazer. A produção de peixe é referente ao período anterior à instalação da usina. A produção de peixe informada e anterior à instalação da usina. O pescador também utilizava espinhel e tarrafa para pescar como ferramenta de pesca caracterizando, portanto uma pratica de pesca artesanal.

É assim que esses homens e mulheres vivem e constroem suas histórias, é no rio mais do que na casa que eles se sentem em casa.

Pescar isso sim é vida para eles, não há duvida que a relação com o empreendimento que envolve indenização traz apreensão as partes envolvidas, mas sem duvida a relação com o rio lhes confere identidade e sustenta suas memórias e a história de suas vidas.



Referencias Bibliográfica

BOURDIEU, Pierre. Economia das Trocas Simbólicas. São Paulo:Ed. Perspectiva,1982.

CERTEAU, Michel de. A Escrita da História. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 1982.

MAUAD, A.M^a. “História, Iconografia e Memória”, In: Sinsom, Olga Von. Os desafios contemporâneos da História Oral - Anais do III Encontro de História Oral: História Oral, desafios contemporâneos, Campinas: Unicamp, 1997, pp. 309-321.

Mauad, A.M^a. “os tempos da narrativa: fontes orais e visuais na produção dos sentidos da história - V Seminário "MEMÓRIA, CIÊNCIA e ARTE: razão e sensibilidade na produção do conhecimento” Unicamp, 17, 18 e 19 de outubro de 2007.

MAUAD, A.M^a. “História, Iconografia e Memória”, In: Sinsom, Olga Von. Os desafios contemporâneos da História Oral - Anais do III Encontro de História Oral: História Oral, desafios contemporâneos, Campinas: Unicamp, 1997, pp. 309-321.

Mauad, A.M^a. “os tempos da narrativa: fontes orais e visuais na produção dos sentidos da história - V Seminário "MEMÓRIA, CIÊNCIA e ARTE: razão e sensibilidade na produção do conhecimento” Unicamp, 17, 18 e 19 de outubro de 2007.

OLIVEIRA, Joycelaine Aparecida de, 1982 – Ciclos de águas e vida: O caminho do rio nas vozes dos antigos dos vaporzeiros e remeiros do Rio São Francisco/
Joycelaine Aparecida de Oliveira – 2009



CRUZEIRO DO SUL

ANEXO 1
QUESTIONÁRIO



PESQUISA SÓCIOECONÔMICA PARAMONITORAMENTO DOS PESCADORES:

Tempo de entrevista: Início _____ término _____

ENTREVISTADOR	Data:	N. FORMULÁRIO	Local entrevista:

01 – IDENTIFICAÇÃO DO CHEFE DO DOMICÍLIO (Pescador)

ENDEREÇO:		Município:	Bairro:
1.1. Nome:			
1.2. Sexo: a. Masculino () b. Feminino ()		1.3. Idade:	
1.4. Local de nascimento:		1.5. Local de pesca	
1.6. Tempo de pesca:		1.6.A Tipo de pesca: () rede () vara () Outros especificar _____	
1.7. Escolaridade:			
a. Fundamental () b. Médio () c. Superior () d. Não frequentou escola ()			
1.8. Quantidade de pessoas que residem no domicílio () a. Masc () b. Fem ()			
Dados mais detalhados no quadro socioeconômico			
1.9. Quantidade acima de 15 anos de idade ()			

02 – ATIVIDADES E FONTES DE RENDA

Q.	Atividade / Renda	Empresa / local / Fonte	Renda mensal	Observações
	a. Funcionário público			
	b. Empregado emp. priv			
	c. Autônomo			



d.Comércio (proprietário)			
e. Aposentado			
f. Serviços eventuais (bico)			
g. Agricultura			
h. Pesca			
i. Extrativismo			
j. Doméstica			
k. Desempregado			
l. garimpeiro			
m. Estudante			
n. Outros (programas de geração de renda governo)			
SOMA DA RENDA			
2.2. Participa de Sindicato, Associações, Cooperativas de pescadores etc?			
a.Sim () Qual(is)?		b.Não ()	

03 – IDENTIFICAÇÃO DO DOMICÍLIO

3.1. Condição da Casa: a.Própria () b.Alugada () c.Cedida () d.Outro () Qual?
Data da aquisição (se própria): () Urbano () Rural ()
3.2. Material: a.Madeira () b.Alvenaria () c.Mista () d. Taipa Não Revestida () e.Outro ()



Qual?		
3.3 Cobertura: a.Telha () b. Telha de Amianto () c.Outro () Qual?		
3.4. Terreno: a.Alto () b.Alagado () c. Ribeirinho () d.Outro () Qual?		
3.4.a. Área: m ²		
3.5. Condições do logradouro do domicílio: a.Asfalto () b.Terra () c. Passarela (ponte)() d. outro () Qual?		
3.6. Número de peças (cômodos):	3.7 Banheiro: a. interno () b. externo () c. () Não possui	
3.8. Equipamentos: a.Automóvel() b.Motocicleta() c. Bicicleta() d. celular() e. Geladeira() f. Fogão() g.Televisão() h.Ar condicionado() i.Aparelho de DVD() j. Ventilador() k. Microondas() l. Aparelho de som() m.Telefone fixo() n. Computador() o. Antena Parabólica () p. Barco () p. Outro(s) qual (is)?:		
3.9.a. Energia: a.Sim () b.Não ()	3.9.b. gasto em KW? a. _____	OBS:
3.10. Água: a.sanepar () b.Poço (artesiano)() c.Poço rudimentar () d. Direto do rio () e. Outro () Qual?		
3.11. Destino do lixo: a.Coleta (pref.)() b.Coleta (part.)() c. Queima () d.Enterrado () e.Descarte() f. outro () Qual?		
3.12. Saneamento (destino): a.Coleta (esgoto)() b.Fossa Séptica () c. Fossa Rudimentar () d.Descarte () e.Outro () Qual?		



04 – CONDIÇÕES SOCIOAMBIENTAIS

<p>4.1. Mora próximo a alguma poluição? (Marque no máximo 3)</p> <p>a. Ruído () b. Poeira () c. Fuligem () d. Água Contaminada () e. Matadouro ()</p> <p>f. Dejetos Industriais () g. Lixo Doméstico () h. Lixão () i. Outro () Qual:</p>
<p>4.2. Quais os principais problemas de saúde do pescador? (Marque no máximo 3)</p> <p>a. Doenças respiratórias () b. Verminoses () c. Malária () d. Tumores (câncer) ()</p> <p>e. Doenças do coração () f. Doenças Digestivas () g. Lesões / acidentes () h. Dengue ()</p> <p>i. Mal de Chagas () j. Outras () Quais:</p>
<p>4.3. Quais os principais problemas de segurança enfrentados por sua família? (Marque no máximo 3)</p> <p>a. Arrombamento (roubo na casa) () b. Brigas de Gangues () c. Assaltos () d. Estupro () e. Acidentes (carro, moto) () f. Animais silvestres (cobra, aranha, etc) () g. Outro, qual?</p>
<p>4.5. Onde adquire os alimentos do dia a dia? (Marque no máximo 3)</p> <p>a. Compra no mercado local () b. Compra em outra cidade () c. Pesca () d. Caça () e. Coleta () f. Agricultura () g. Criação () h. Outro () Qual:</p>
<p>4.6 Qual é o principal meio de locomoção?</p> <p>a. A pé () b. Bicicleta () c. Motocicleta () d. Automóvel () e. Embarcação a motor ()</p> <p>f. Canoa () g. Ônibus () h. Outro () Qual:</p>
<p>4.7. Quais os itens que funcionam próximo à sua residência? (Marque no máximo 3)</p> <p>a. Escola () b. Delegacia () c. Igreja () d. Associação () e. Posto de saúde ()</p> <p>f. Outros () quais _____</p>



4.8. Quais os principais problemas enfrentados pela família? (Marque no máximo 3)

a. Emprego () b. Abastecimento de Água () c. Oferta de Energia () d. Serviços de saúde pública ()

e. Transporte () f. Educação () g. Segurança Pública () h. Poluição () i. outro () Qual

4.9. Atividades de lazer: que pratica com regularidade

a. viagem () b. festas () c. bailes () d. pesca () e. Visitas a amigos e parentes ()

5.0. Em relação a pesca: Quantas vezes por semana você pesca ()

Você vende o que pesca? Sim () não () Se sim para quem?

a. bar () b. restaurantes () c. mercado. () d. Outros _____

5.1 Quantidade que pesca por semana? Especificar: _____

5.2 Possui comprovante de renda? Sim () Não () Se sim disponibilizar para cópia _____

5.3. No período de defeso você recebe algum tipo de benefício do Governo?

Sim () Não () Se sim qual o valor? _____ e Por qual período? _____

6.0 Em relação a indenização o que pretende fazer com o dinheiro?

6.1 Em relação a área de uso comum: Pretende fazer uso? Sim () Não () Se sim como



OBSERVAÇÕES QUE O ENTREVISTADOR CONSIDERE RELEVANTES.

Data / /

Telefone do entrevistado:

Assinatura do entrevistado:

Numero documento:



CRUZEIRO DO SUL



CRUZEIRO DO SUL



CRUZEIRO DO SUL

ANEXO 2



Narrativa dos pescadores e observações dos pesquisadores

LUIS CARLOS IUK FERREIRA

HISTÓRIA DE VIDA: O Sr Luis nasceu em Curiúva e a esposa nasceu em Ventania, segundo a esposa do Sr. Luis a família é muito unida. O Sr. Luis não trabalha no momento. A Sra. Zenilda é auxiliar de enfermagem, mas atualmente trabalha em casa, ou seja, se ocupa com os afazeres domésticos. A influência da usina está relacionada à atividade da pesca, pois o Sr. Luis não pode pescar aproximadamente dois anos. O Sr. Luis trabalhou como mecânico industrial soldador aproximadamente dez anos Klabim no período de 78 a 82, após esse período trabalhou em diversas empresas e os últimos 11 anos trabalhou em a pesca.

Observações: Em relação à renda declarada é referente ao auxílio recebido pela usina. No domicilio reside duas famílias. No terreno possui mais duas casas, nas quais moram 1 irmã do Sr. Luis e 1 irmão do Sr. Luis, ambos tem família e são independentes. A segunda família do domicilio é composta por Miguel (irmão do Sr. Luis, Lucinéia cunhada e a sobrinha do Sr. Luis. A família do Sr. Luis e do Sr. Miguel mora junta há oito anos. A residência tem aspecto simples, os utensílios domésticos estão em más condições e o automóvel é um volks (fusca) se encontra em péssimas condições. A atividade pesca é o meio de sobrevivência e de lazer. A produção de peixe é referente ao período anterior a instalação da usina. O pescador também utilizava o espinhel e a tarrafa para pescar.

LOURIVAL ADRIANO DE LIMA

HISTÓRIA DE VIDA: Nascido em Ortigueira, morou sempre em T. Borba, a relação familiar é muito tranqüila. O Sr. Lourival trabalhou antes da atividade da pesca no corte de madeira. O lazer do Sr. Lourival e da companheira é a pescaria. A usina trouxe trabalho para muita gente. O Sr. Lourival acredita que depois que encher de água as coisas vão ficar melhor para os pescadores.



Observações: A casa tem aspectos muito simples, os utensílios domésticos estão em, mas condições e o automóvel esta em péssima condição. A esposa do Sr. Lourival recebe uma pensão de 545 reais referente à morte do primeiro companheiro. As atividades pesqueiras além de ser uma atividade que dá condição para família sobreviver também é o lazer da família. O Sr. Lourival trabalha esporadicamente como carpinteiro (produzindo barco), no entanto não soube informar o seu rendimento com esta atividade, informou que faz muitos meses que não produz nenhum barco. A produção de peixe informada é anterior à instalação da usina. O pescador também utilizava espinhel e tarrafa para pescar.

LEONI CASTORINO BUENO

HISTORIA DE VIDA: Natural de Tibagi mora em T. Borba desde 77 sua relação é boa com a família, não concorda com a barragem porque acabou a atividade de pesca e também não sabe se ficara bom para os pescadores, não sabe o que vai acontecer no futuro.

Observações: A renda informada é referente ao período anterior à instalação da barragem. A esposa trabalha como diarista, no entanto não soube informar a renda mensal com precisão. Atualmente vive de a renda alimentar paga pelo consorcio (545 reais). O domicilio está em boas condições, assim como os utensílios domésticos e o carro (marca volks – modelo Gol). A atividade de pesca é o meio de sobrevivência e lazer. A produção de peixe é anterior à instalação da usina. O pescador também utilizava espinhel e tarrafa para pescar.

EMILIO SCHNEIDER

HISTORIA DE VIDA: Nasceu e morou sempre na beira do rio. Mora em T. Borba aproximadamente oito anos, motivo da vinda para T. Borba foi os estudos dos filhos do primeiro casamento. A usina acabou com os peixes do rio, mas acredita que foi por uma boa causa (o progresso) o Sr. Emilio informou que terá que



aprender a pescar outros peixes, pois o consorcio colocara outros peixes na barragem.

Observações: O domicilio tem aspectos simples, os utensílios domésticos são simples. Possui uma casa nos fundos do terreno onde reside sua filha com o genro. A renda informada e anterior a instalação da usina. Atualmente a família sobrevive da renda alimentar do consorcio. A atividade pesca e o meio de sobrevivência e lazer. A produção de peixe e anterior a instalação da usina. O pescador utilizava também espinhel e tarrafa para pescar.

JURANDIR DE LIMA SCHNEIDER

HISTORIA DE VIDA: Nasceu em Ortigueira onde se encontra a usina. O Sr. Jurandir relatou que quando era criança pegava muito peixe. Aos oito anos mudou-se pra T. Borba devido ao falecido do pai. O Sr. Jurandir retornou para Ortigueira quando era adolescente. Atualmente o Sr. Jurandir não pesca nem 10% da quantidade de peixe que pescava quando era criança. O Sr. Jurandir relatou que a redução de peixe aconteceu nos últimos três anos. Segundo o Sr. Jurandir a redução de peixe aconteceu devido à instalação da usina e do garimpo.

Observações: O imóvel possui problemas estruturais sérios (são visíveis as rachaduras em toda a casa). Os dois filhos do Sr. Jurandir trabalham no material de construção próximo a residência. O Sr. Jurandir informou que antes da instalação da usina pescava com tarrafa. Os utensílios domésticos estão, mas condições.

ARI DE CAMARGO

HISTORIA DE VIDA: Nasceu em Tibagi mora aproximadamente há cinqüenta anos em T. Borba. O Sr. Ari e um dos mais antigos moradores da região. A usina teve influencia boa, pois trouxe trabalho para região. Seu Ari falou muito dos



problemas de saúde que lhe causa muita dor. Em relação à estrutura familiar vive com a esposa e 1 filho. A esposa não trabalha fora de casa, o filho é totalmente independente.

Observações: O Sr. Ari mora atualmente em uma casa que construiu para o filho, pois a casa que morou durante quarenta anos que esta em péssimas condições. Sr. Ari informou que fica durante o dia na casa que construiu para o filho e apenas dorme na casa que viveu aproximadamente quarenta anos, esta possui três cômodos e um banheiro externo, informou que o telhado esta em péssimas condições. O Sr. Ari informou que atualmente pesca lambari apenas para o consumo. O filho do Sr. Ari trabalha com limpeza de terreno, no entanto não soube informar os seus rendimentos. O Sr. Ari informou que também pescava com tarrafa antes da instalação da usina. Os utensílios domésticos estão em péssimas condições.

ARI LIMA SCHNEIDER

HISTORIA DE VIDA: Nasceu em Ortigueira, reside em T. Borba há trinta anos, mudou-se para T. Borba por motivo de saúde. O Sr. Ari esta separado há cinqüenta anos e vive sozinho. A influência da usina e boa trouxe energia e trabalho para região. Em relação a relação estrutura família tem filho mas moram em Curitiba. Seu Ari tem alguns problemas de saúde e recebe auxilio doença a mais ou menos 4 anos.

Observações: O Sr. Ari aluga um cômodo que fica anexo a residência da sua irmã Ironete. O Sr. Ari informou que pescava com espinhel antes da usina.

JOÃO DE AMACENA FERREIRA

Eu vim trabalhando, na Sobrama foi o primeiro emprego, voltei pro mato e vim trazer um filho no médico e entrei na Klabin. Tenho 4 filhos, não conheço minha origem acho que é italiana, tenho muitas lembranças “de fazer muito peixe pular na rede e na tarrafa”. Mora com a esposa tem duas filhas e dois filhos, um é advogado, sempre pescou e trabalhou em empresas que lhe deu a aposentadoria. A pescaria é mais serviço que lazer, mas dá muito prazer. A



pesca da liberdade às vezes vai pescar sozinho ou com companheiro. Faz 9 meses que teve um derrame e não voltou mais pro rio. A usina não influenciou nada para mim vai chegar um dia que tudo vai ter de ter energia. Não vai mudar a vida, daqui pra frente só vou descansar. Com o dinheiro vai comprar a barca para garimpo, não vai mais mergulhar. “Sempre vive bem”, já foi até atrás de garimpo, tem carteira de garimpo, mas hoje só tem a renda da aposentadoria, nunca teve comprovante da venda da pesca, mas tem a carteira de pesca, antes do derrame ficava só no rio. Faz rede e tarrafa só para o uso, aprendeu a fazer sozinho. Diz a “pesca é um vício”. Trabalhou na Klabin, Carbonife e Sobrana, se aposentou em 1981.

Observação: O tratamento de saúde é feito com médico particular, pescava em todo o Tibagi ficava nas ilhas. Acha que para os jovens é melhor. Não tem filhos pescadores

PAULINO ALVES

A origem familiar é caboclo mesmo e português, na pesca gostava de tarrapear e comer peixe frito na beira do rio, vendia o que sobrava a venda ajudava bem. Parou de pescar desde que a barragem e a Copel Proibiu a pesca para vender, a pesca para lazer pode, mas esta sem as traís (utensílios de pesca). Que foi recolhida (pelo consórcio) e foi chamado para buscar as coisas, mas o que era bom mesmo perdeu. Pescava com espinhel, rede e tarrafa. A família é composta pelo casal e mais 5 filhos que já são casados. Mora no mesmo terreno que uma das filhas e dois netos, a filha é viúva. O trabalho era na Klabin, linha de combi Enimará (conservação de casas) se aposentou como produtor rural e sempre completou o salário com a pesca, como atividade de lazer vai a igreja e visita amigos. Sobre o futuro acha que vai mudar, mas para o bem se puder usar o lago vai ser bom. Espero que possa voltar depois, já estão com a associação e vai freqüentar, acho que não vai mudar a vida



Observação: Sempre pescou, mas já trabalhou em outras atividades. No mesmo terreno mora a filha e dois netos. Quanto a renda tirava até dois salários mínimos no mês. Quando a pesca não dá muito vai garimpar.

MANOEL ROGRIGUES

A origem é brasileira mesmo um pouco índio. Lembra que desde criança vivia na beira do rio, sempre com muito peixe, nem precisava de traia pra pescar. A coisa triste é a mortandade de peixe, atribui a morte dos peixes a Klabin. Depois da construção da usina afugentou os peixes, sempre teve a pesca antigamente dava muito por último (nos últimos meses antes da usina) tirava até dois salários por mês, além da pesca também garimpa. A renda varia bastante, se aposentou depois de dez anos de trabalho na Klabin e a contribuição como autônomo. A família é composta pelo casal e cinco filhos, dos quais dois moram com o Sr. Manoel que não trabalha com a pesca mais, só pesca como forma de lazer quando tem peixe. Meu divertimento é a beira do rio, não vou nem na casa dos filhos, acho que até ter peixe vai complicar um pouco, acho que até a abertura da pesca no lago vai alterar a nossa vida porque vão ter que ir para outros lugares pra pescar.

Observação: Pesca com vara, espinhel e tarrafa. O filho Fernando (é especial) depende da família e recebe uma pensão (auxílio doença) de um salário mínimo.

WILSON GONÇALVES

Origem Ortigueira sempre morou no Lajeado Bonito, morou a vida toda na beira do rio Tibagi. Gostava de garimpar e pescar estava satisfeito com a vida que tinha. A estrutura familiar é de quatro filhos, Sr. Wilson é viúvo do primeiro casamento e casou novamente com Dona Rosângela, também pescadora. Sempre trabalhou com a pesca e o garimpo, não tem outra forma de renda. Disse ter um pequeno diamante guardado que serve como poupança. A



influenciada usina na sua vida foi grande, pois o retirou do local onde tirava o sustento, morava e mantinha a família. Conheço vários lugares de pesca e sempre onde fazem usina acaba os peixes, a pesca depende da época e da lua. Sobre o defeso diz concordar. Para ele a vida piorou, pois não está pescando, antes da usina tinha boa renda para o final do ano e esse ano não vai ter.

Observação: Pesca com rede, tarrafa, anzol e espinhal. Toda vida morou na beira do rio morava na ilha nove (barra do lavador) tinha barco mais sumiu, disse já ter pescado entre 600 a 800 KL de peixe, mas segundo ele uma única vez. Sr. Wilson foi quem mais falou da insatisfação com o acordo dos pescadores e a construção da usina, principalmente em relação a ilha onde parava quando estava no rio. O Sr. Wilson e a Sra. Rosangela foram os únicos a apresentar comprovante de renda referente à pesca.

ROSANGELA ROCHA CAMPOS

Dona Rosangela nasceu em Três Bicos no Paraná, mora em Telêmaco Borba desde 1990. Disse que prefere a vida na beira do rio na ilha. Tem três filhos do primeiro casamento que moram em Santa Catarina, só passou a viver da pesca após o casamento com Sr. Wilson. Gosta muito da pesca, mas acha a vida sofrida, mas gostosa, o trabalho se mistura com o lazer. Morou 14 anos em Santa Catarina e trabalhava na Souza Cruz na linha de produção. Acha que a usina influenciou e prejudicou a vida, morar na ilha era para a aposentadoria.

Observação: Sra. Rosangela é esposa do Sr. Wilson, e também tem comprovante de renda da pesca.

EDSON LUIS CARDOSO

Sr. Edson morava no norte do Paraná a 35 anos veio para Telêmaco Borba, é casado a 22 anos. Para pescar ficava na beira do rio a semana inteira com o filho ainda bebe, até tentou ensinar o filho a pescar, mas quem tem vocação é a filha de 13 anos. A família é composta pelo casal e dois filhos e a mãe da



esposa. O filho mora no mesmo terreno, mas em casa separada e totalmente independente. Já tinha casa antes de se dedicar só a pesca. Trabalhava lixando taco e também pescava e vendia a pesca hoje a renda só vem da pesca. Acha que a usina é importante, mas precisa do peixe também, o que acha que vai mudar é o tipo de peixe, antes da usina tinha muito peixe. A expectativa de pescar no lago depois de 5 anos e continuar vivendo da pesca. A renda dependia da pesca e da quantidade que pescava, mas em média era de dois salários mínimos. Os peixes que tinha eram vários, como a piapara que chegava a 12,00 o KL. O cascudo era 12,00 o KL, hoje é de 16,00 reais o KL para o pescador vender.

Observação: Sr. Edson já trabalhou como pedreiro e lixador de taco (chão). A sogra do Sr. Edson mora com ele e a esposa porque teve dois derrames recentes

SEBASTIÃO LEITE DE OLIVEIRA

Foi criado na beira do rio onde tá saindo a usina, o Sr. Sebastião foi indenizado pela propriedade que tinha Natingui. Sempre viveu da produção rural, plantava arroz, feijão e milho e pescava de maneira irregular, em 1997 fez a carteira de pescador e passou só a pescar e fazia a travessia do rio (transportava pessoas). A família é composta pelo casal e cinco filhos, porem só moram com seu Sebastião dois filhos e três netos. “Hoje o trabalho é a lavoura agora tem trabalhar”, pois não tem onde pescar. A pesca a renda é maior que a lavoura, disse que obtinha até dois salários mínimos. No momento a lavoura ainda não dá para o sustento, o lazer é em casa mesmo. A usina para mim foi mais ou menos, de bom recebi mais pela terra, de ruim a esposa ficou doente por causa do processo de mudança segundo o Sr. Sebastião, só prejudicou a pesca e a falta de escola para os netos.

Observação: Na propriedade tem duas casas, sendo que Sr. Sebastião mora em uma e a filha mora na outra com o marido e os filhos. O filho Valdinei também beneficiário do acordo com os pescadores e mora na mesma casa do pai



VALDINEI DE OLIVEIRA

Filho do Sr. Sebastião, as lembranças são muitas durante 30 anos morei lá só pescava, sempre ajudei o pai, sempre morou com os pais e sempre os ajudou. Já desistiu de casar para ficar morando com os pais. Os outros irmãos moram em Telêmaco Borba, no momento não tem lazer, só quando acertar as coisas para ir pro rio de novo. A usina melhora uma coisa e estraga outra na parte da renda estragou. A renda da propriedade é muito pouca. Já foi casado e separou disse que a propriedade que tem hoje é melhor.

Observação: Mora na mesma casa que o Sr. Sebastião, que é seu pai.

ELIANE RODRIGUES MENDES

Só tenho coisa boa na beira do rio, ruim só quando achamos uma mulher morta no rio. Trabalhava com meu pai, brincava e trabalhava hoje da tristeza de ver tudo abandonado quando morava na ilha. Morava o pai a mãe e cinco irmãos. Em 1970 viemos para Telêmaco Borba (na cidade). Não gostava de ficar na cidade. Sempre trabalhava no rio, (de manhã vê a traia e a tarde também). A noite ia tarrafejar, hoje é mais lazer, nunca trabalhou em outra coisa, só aprendeu a fazer unha, não era casada com pescador, pescava com o pai e sozinha, ficou viúva duas vezes. Hoje recebe ajuda da filha que tem um mini-mercado. A usina atrapalhou porque nós pescávamos e hoje não tem peca, a vida já mudou porque veio a usina ao mesmo tempo morreu o pai e o marido. Hoje pesca com o irmão por lazer só pra comer quando tiver peixe pretende voltar a pescar. Quanto o acordo está bom, foi o melhor que foi proposto para nós.

Observação: Sra. Eliane disse que a Klabin trás mau cheiro pra cidade, a falta de peixe é maior depois da construção da usina

JAIRO OBEREK



Filho de pai descendente de polonês e mãe descendente indígena. O pai trabalhava na Klabin e morava na Vila Harmonia - 1954. O contato com a pesca tem influencia da família da mãe- Colônia Iapó, em Castro. Moravam na beira do rio, 11 irmãos, 7 vivos. Herdou a pesca do pai. Gostava muito, os filhos iam brincar no Tibagi. A vinda para Telêmaco Borba foi para trabalhar na Klabin que se chamava Monte Alegre - Fazenda Klabin. O pai era o grande incentivador para pescar. Depois que virou pescador profissional seu trabalho era a pesca. A pesca deve ser feita por 2 ou 3 por dias inteiros no rio. A UHM prejudicou os pescadores pela "falta de peixes", como: cascudo, que é peixe de corredeira e vai desaparecer. Sua grande aflição é que a UHM cumpra todas as promessas principalmente manter os peixes, pois hoje ela usa bombas que assustam os peixes. Desejo que haja um trabalho de cuidar dos peixes e de ensinar os pescadores à pescar de outra maneira. Se queira de ter que vender carro, barco, material de pesca "para custear despesas" e a indenização vai servir para pagar as dividas inclusive reaver o terreno que vendeu que é parte do lugar onde mora com a família.

Observação: Fala pausada, cuidado nas respostas. Casa bem estruturada, moveis novos e utensilios domésticos. Preocupação em apontar a relação de dependência da UHM, pois na situação que esta depende da ajuda das filhas para conseguir sobreviver sem a pesca, narra que esta a dois anos sem pescar, sem autorização. Expõem a necessidade em vender bens para pagar as contas, como: parte do terreno, barco, carro e está a espera da indenização.

IVONETE APARECIDA OBEREK

Origem familiar: hoje pais mortos. Teve contato com avó materna negra e avó paterna branca. A família residia em Pirai próximo a Curiúva. Mãe veio morar pequena em T. Borba, 7 anos. Pai trabalhava em um matador e a mãe com zeladora na prefeitura, se aposentou aos 63 anos. Teve contato com a pesca aos 18 anos, após Casar-se aos 16 anos com o atual esposo Sr. Jairo. Deixava os filhos com a mãe e seguia com o marido para pescar, "a gente tá pescando



para tirar o sustento da família” pescar é trabalhar, coisa séria. Com a vinda da UHM “tudo parado, não tem pescaria” e foi ruim porque não se pode mais pescar. Espera que a condição de pescaria possa melhorar e deseja que ela possa voltar à trabalhar no rio.

Observação: Cuidado na fala e o que fala. A pescaria profissional entrou na vida por influencia do esposo. Não aparentava vivenciar realmente a pesca, enquanto lazer, sua fala traz sempre a figura do marido mais ligado a pesca. A prática da pesca aparenta ser algo praticado no passado quando as filhas eram pequenas.

OZIRES SIQUEIRA MARTINS

Origem familiar: sua mãe era doméstica e veio para T. Borba em 1959. Começou a trabalhar na Klabin entre os anos 1960-65, com descarga de madeira assim como alguns irmãos. Acompanhou o crescimento da cidade. Para ele a pescaria começou como lazer, “gostava muito da luta e da lida”. A pesca profissional mesmo foi em 1965. Já pescou com muita gente e “quantas não já faleceram!”. Para ele Pescaria deve ser feita por 2 “companheiro” e cada qual deve fazer sua função. O melhor lugar para pescar é: na Mococa, jaguatirica e Natingui.

Com a vinda da UHM “praticamente acabou, os peixes foram embora, sumiram por causa dos barulhos das bombas. Muita gente falava das bombas na água”. Com a indenização “a gente pode tocar a pescaria novamente”. O que importa é o acerto para recomeçar a pescaria. “Pescar é profissão! Sinto muita falta de ir para o rio”. Quero muito reaver as coisas que precisei vender para pagar minhas despesas, como: barco e as “tralhas” material de pesca.

Observação: Casa construída nos anos 1960, que foi herdada, muito antiga, de madeira, pequena, estreita. Narra que a vida está muito difícil, renda baixa e sem a ajuda de outras pessoas da família passariam necessidades. Esposa muito idosa, com problemas de saúde, muito gastos com remédios, tratamentos de saúde, remédios e exames em outras cidades. Guarda no teto da frente da casa uma placa VENDO PEIXE. Relata que precisou vender o barco, “tralhas”, por causa das contas. Muito simpáticos e com muita história pra contar.



DIVINO JOAQUIM

Nasceu em São Paulo e desde quando trabalhava com lavoura. Aos 18 anos mudou com a família para o PR. Após se casar foi morar em T. Borba com a mulher e 7 filhos. Pescaria é lazer e trabalho. E pescador profissional é “pescar para vender”. Para ele Pescaria deve ser feita por 2 “companheiro” e há divisão do trabalho, cada qual deve fazer sua função. Sempre precisa ir uma pessoa que as vezes não tem carteira, este “leva o barco”. O que conseguem pescar é dividido.

Com a vinda da UHM “parou tudo” e “espero que venha coisa boa”, mas sabe que a pescaria vai mudar. O peixe que mais gosta de pescar é mandi e gostaria muito de ensinar o que sabe para um dos 7 filhos que gosta de pescar, o único que gosta hoje tem 35 anos. Que fazer isso antes de morrer. Narra que tem dois tipos de pesca: “para brincar”, hora de lazer que pode envolver mais gente; outra “trabalhar”, onde o ideal é levar 2 ou 3 pessoas para “não dar prejuízo, nem fazer ninguém trabalhar mais que outro”, “ se for muita gente vira folia”.

Observação: Sr. Divino estava muito tenso, com receio de falar “errado”. Teve influencia a presença de nosso guia Florisvaldo, que expressava com gestos, risos e expressões faciais sua opinião. A casa era muito simples, com visíveis problemas na estrutura como piso, teto. Muitas redes de pesca espalhadas pela casa nos 3 cômodos.

IZAIAS JOB DE OLIVEIRA

Historia de Vida: a família é da cidade de Ortigueira, na região Natingui. A mudança foi necessária para procurar lugar mais fácil para sobreviver. Há 15 anos reside em T. Borba, A relação com a pesca vem desde pequeno “a gente nasceu, cresceu praticamente dentro do rio” e completa “foi a escola que a gente



teve”. É pescador profissional há 12 anos e começou a vender o peixe, virou trabalho. Com a vinda da UHM praticamente tudo mudou “fracassou o rio, os peixes”. Acredito que com o tempo os peixes voltem “voltam”. A pescaria é feita de 2 ou 3 pessoas e durava a semana inteira. Os peixes ficavam “vivos, esperando no viveiro” até o dia de voltar pra casa. Vendiam os peixes na rua. Para ele pescar é trabalho e lazer: “já faz os dois ao mesmo tempo, de uma vez só”. Atualmente em sua casa tem criação de aves, galinhas, patos, e trabalham com madeira, raízes e bambu. Com a UHM para o “pescador deu uma mudança boa, os peixe diminuíram, espero que melhore.”

Observação: Sr. Izaías é muito empenhado em trabalhar e ocupar seu tempo e sua cabeça inventa mil coisas, como: casa na arvores para pássaros, galinheiros separados, esculpe na madeira. Ele trabalha com madeira, raízes de arvores mortas e que a prefeitura corta e descarta; cuida de aves em seu quintal; planta arvore rara como peroba rosa, paineira, cabaças e prepara muda de árvores frutíferas. Sua esposa está com depressão e recebe auxilio doença. O filho e a nora estão vivendo na casa ao lado ambos não trabalham e vivem de bicos. Sente muita falta de pescar de verdade, a pesca que faz eventualmente é para consumo de casa. Denuncia a Klabin pela poluição no rio, no ar e sonora. O barulho é contínuo, parece avião pousando.

JOSÉ LOIR SCHNEIDER

As histórias da família são na Cidade de Ortigueira. Seus avós são de origem alemã. Residiu durante toda a vida na região do Mauá “na beira do rio”. O pai levava os filhos para passeios no rio e foi assim que começou a praticar a pesca. Primeiramente enquanto lazer da família. A pescaria profissional veio nos anos 2000 com a carteira de pescador e a compra das “tralhas” de pesca. O trabalho de pescar “é um meio de sobreviver. A ida para a pesca é feita por no máximo 2 pessoas “dois companheiros”, durante 10 dias direto. Os peixes ficavam no gelo e em viveiros esperando ser levados para a cidade e serem vendidos. “A pesca é meio de sobrevivência” e diferente da “pesca de lazer”, que é feita com varinha



e para se divertir. Com a UHM “mudou muita coisa porque não pode pescar” Para os pescadores profissionais foi muito pior: 1. Porque os peixes sumiram; 2. Vai demorar muito tempo para os peixes voltarem. Espera que “a indenização possa dar conta dos gastos dos pescadores enquanto os peixes não voltarem”. Observação: Não tem residência, mora de aluguel na casa da prima. É um quatinho pequeno nos fundos da casa e fica visitando as irmãs que moram próximo. Não faz compras e vive meio nômade. Não recebe ajuda de custo da Copel, como os demais, e sobrevive de bicos que faz para pagar aluguel e pequenas despesas. Teve que vender barco e “tralhas” para conseguir dinheiro. Mais um homem de meia idade, vivendo sozinho, como outros da família Schneider. Afirmou não ter TV e havia uma no quatinho. Muitas vezes pensou, olhou para o amigo Florisvaldo e só depois de uma pausa respondia algumas perguntas referentes à bens e renda.

CLAUDINO GONÇALVES TEIXEIRA

Meu pai é da região de Ortigueira e minha mãe de Piraí. Família de 9 filhos, moravam em Campina dos Pupus, próximo ao Lajeado Bonito. Há 30 anos mudou para T. Borba, a mudança foi por questão de saúde da ex-esposa, pois estava muito “custoso” onde morava. Naquele tempo não tinha postinho de saúde e “minha muié era doentia”. Eu morava na beira do rio “desde piá” e há 15 anos fez os documentos. Pescaria “antigamente era deferente” não era pra vender, porque “todo mundo pescava, ninguém vendia”. O pescador profissional o “peixe era pra vender”, o peixe “dava muito mais que meu salário”. A pescaria “é mesma coisa que jogar na sorte”. Eu “parava o mês inteirinho no rio, quando não tinha ninguém eu parava só, sozinho”. Por 9 anos alugou um terreno no rio, na Ilha dos Cavalos, ficava mês inteiro e o filho ia pegar os peixes para vender na cidade. Chegou a arrendar um pedaço de terra para plantar, mas não tinha contrato “eu achei desajeitado falar com ele assim, eu sou muito amigo dele. Ele que devia falar comigo”. Ele, Jurandir, foi indenizado pela ilha dos cavalos. Com a vinda da UHM praticamente tudo mudou bastante porque “na beira do rio não



dá mais pra ficar. Me pagaram um “rancho” lá fora da ilha era na beira do rio e tive que sair”. Vai mudar porque eu “era dinheiro livre” que a gente pegava. Os peixes como curimba, dourado, muitos peixes vão sumir. Depois as pessoas gostam “tá sofrendo e tá lidando” com a pesca. A expectativa é que “o lago dê bastante peixe, porque mesmo que eu não possa pescar, meus companheiros pesca”. O peixe tem um preço, depois que fez a carteira o menos que fazia era R\$ 1.000,00 “meu salário dobrou”. “Depois da barragem a gente perdia muito tempo porque os peixes sumiam”. No lugar onde pescava a água vai subir meu rancho é perto do salto aparato, uns 5km”.

Observação: Senhor muito idoso e saudoso das pescarias e da Ilha onde passava muito tempo. Sua fala sempre remete à “voltar à beira do rio”, diz que o lugar dele é na beira do rio e seu divertimento é lá. “Minha doença hoje é porque não to lá”. Está impossibilitado de pescar por causa da saúde – labirintite e outras. Mora com a ex-esposa e o filho, a casa é no mesmo terreno e é conjunta. Mas ele fala que tudo é do filho, comprou tudo, e ele não tem nada. Isso causou dúvida, pois do tempo que ele trabalha o mais lógico é que tenha passado seus bens para os dois filhos e não tenha deixado nada em seu nome. A maior parte da vida passou no rio, no rancho, na pescaria. Vivendo do rio diretamente.

EDINIR SANTOS BUENO

Origem da família é da região de Conceição no Tibagi. Há 25 anos habita a cidade de T. Borba. Mora com a esposa e trabalhou como pedreiro em vários lugares, inclusive hidrelétricas (como Tucuruí). Como estava muito difícil arrumar emprego investiu na pesca. Pesca desde que nasceu, e tornou-se profissional há 12 anos. A pesca deve ser feita por duas pessoas e dura toda semana. Faz viveiro para manter os peixes vivos até voltar à cidade. Com a vinda da UHM houve uma queda nos peixes “ta fraco de peixe”, “vai no rio e não pega nada, só perde tempo”. Esperamos que em 3 a 5 anos a quantidade de peixe aumente porque “agora vai ter monitoramento” Ao mesmo tempo que trabalhava durante o dia quando acabava os peixes chegava no sítio e ia pescar. Antes a pesca não



era trabalho. “Toda vida a gente tratava com peixe” e “se não for assim acaba os peixes no rio”.

Observação: Casal sem filhos. Companheira mais velha e não gosta de pescar, somente cozinhar. Casa simples e fica próximo à um barranco com um córrego nos fundos. A impressão que ficou é que queria terminar logo e resolver o problema da entrevista. Estava nervoso.

FLORESVALDO MOREIRA

Meus pais são naturais de Curiúva e Congonhas. Mudou-se para T. Borba 1974 com os pais e os 11 irmãos. O pai foi a referência para pesca “quando criança o pai atravessa o rio comigo nas costas”. Eu gosto muito peixe. Pesca desde pequeno e desde 2001 é profissional. Queria “sobreviver do que tava fazendo”, fala que “fiz da pescaria o trabalho de sustentação e sobrevivência” Para pescar devem ir 2 pessoas e “paravam” durante a semana inteira.

Com a vinda da UHM “mudou os sistemas dos peixes”. Sabe da importância da hidrelétrica, a necessidade de ser feita, mas existe impacto “com o barulho os peixes foram fugindo” e diminuiu a arrecadação de peixes. Mas a UHM é uma obrigação fazer. A indenização deve ajudar os pescadores a se manter até os peixes voltarem. A necessidade de “estudar o que fazer para se manter pois os pescadores são velhos e não vão conseguir outro tipo de trabalho sem estudo e sem profissão”. Tem muita diferença nos tipos de peixe “os peixes de água corrente não são de água parada” e não tem idéia do que vai fazer se não for pescar.

Observação: Articula as idéias com cuidado, pensa no que fala e já possui discurso pronto sobre o andamento dos processos com a Copel, o empreendimento. Foi nosso guia e tem grande conhecimento da região e das pessoas, no entanto, muitas vezes deu palpites, chegando à causar desconforto na entrevista. Fazia certa pressão sobre os demais pescadores, com expressões faciais e risos. Nada que prejudicasse o andamento do trabalho. Bastante politizado e com muitas redes de contato na região. Parece ter relação



CRUZEIRO DO SUL

conflituosa com as filhas. Muitíssimo prestativo e interessado em resolver o trabalho de monitoramento o mais rápido possível. Certamente uma liderança.